



Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 19 de Fevereiro de 1994 • Ano L - N.º 1303 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

FAX de MAPUTO

Breves horas densas de emoção deram para confirmar que a nossa Comunidade 'já anda e fala'

VINTE e um anos passaram desde que subi, a última vez, do aeroporto de Mavalane, rumo a Portugal, até à tarde deste 2 de Fevereiro. Viera então (como de costume, ano sim, ano não) de visita à Casa do Gaiato do Infulene e aos nossos de Moçambique e longe estava,

ao partir, de que tanto demoraria nova visita. Eis-me a vivê-la, não no Infulene mas em Massaca 1, onde a Família não é constituída apenas pelos 68 rapazes que estão já connosco, mas pelas dezenas de famílias que, muito perto, tiveram a oportunidade de ressuscitar de

uma situação sem sentido nem horizonte para uma vida de trabalho que lhes restitui o sentido perdido e a dignidade própria do homem: «comer o pão com o suor do seu rosto».

Vinte anos em que Deus continuou escrevendo direito nas linhas tortas que os homens Lhe oferecem. É esta

certeza o fundamento da decisão de regressarmos e a força que constantemente nos anima. Há vinte anos a nossa vida era pobre e no entanto enriquecia muitos. Agora é mais pobre e por isso enriquece mais. Nós estamos chamados por Deus e outra ambição não temos

Continua na página 4



Em Páço de Sousa, nas horas de lazer, este é o sítio mais apetecido dos «Batatinhas». Vemos o «Tulipa», Nuno, Ricardinho, «Moranguinho» e «Queijinho» — olhos fitos nos Leitores.

HÁ ano e meio anunciei a minha ida para dar a mão nas Casas do Gaiato do Norte.

Graças a Deus que deu o Padre Júlio à Igreja — a trabalhar na Obra da Rua. Sacerdote novo e cheio de planos de vida. Senti-me livre para voltar para o meu ninho querido de tantos anos.

Volto para Coimbra e Miranda do Corvo para dar a mão a Padre João e os dois desempenharmos a missão que nos foi confiada. Cuidar dos rapazes que são os nossos filhos e ajudar todos os que nos estenderem a mão.

Espero dar mais atenção aos Pobres de Coimbra, sobretudo àqueles que não têm casa digna de família. E há tantos! Aflige-me que continuem a

TRIBUNA DE COIMBRA

Dar a mão

viver nas barracas e no Casarão da Misericórdia, na Conchada. Muitos à espera duma habitação que lhes prometeram! Sabem que há projecto para a construção de casas, mas a

burocracia faz esperar a realização.

Preocupa-me a vida dos que não têm onde dormir. Preparou-se e foi inaugurada oficialmente a Casa Abrigo Padre Américo, mas continua fechada, sem vida.

Penso também ter um cuidado especial pelo Património dos Pobres no Centro — Beira Alta e Beira Baixa — onde nas viagens que temos feito encontramos habitações muito degradadas. Muitas famílias a viverem em autênticos currais. Esperamos que os Párcos sejam acolhedores, pois as casas constroem-se no altar — como pensava e dizia o Padre Américo.

Deus me ajude a dar a mão até ao fim.

Padre Horácio

Moçambique

Perguntas e respostas

TALVEZ pessoas habituadas a ligar o padre à igreja, mas não elas à Igreja, perguntam-me: — Onde está a sua igreja padre?

Uma vez respondi: — É uma catedral que tem por fundo a natureza, por paredes a povoação toda da Massaca e por cobertura a abóbada celeste. É a maior do mundo!

Quem me perguntava, é uma senhora notável a todos os títulos em Moçambique. Gosto muito de celebrar ao ar livre.

Não sei porque Jesus fez a última Ceia na sala. Só porque era dia de Festa, a última refeição, tão desejada, com os Seus amigos. Mas quantas vezes lhes falou, no alto da montanha ou comeu com eles, em qualquer lugar, pelo caminho dos vales.

Hoje respondi à mesma pergunta a outro: — O Senhor enviou-me a evangelizar os Pobres que não têm casa, em primeiro lugar; as crianças da rua; e, depois, estes que moram à nossa volta que também não a têm. Como posso preocupar-me com uma casa para Ele, agora e já?

Bem vistos os factos, nem sou eu que me preocupo, é Ele que se preocupa e me enviou a fazer a Sua vontade. Como gosto de falar assim aos rapazes! E sinto-me acomodado e não preocupado em saber que faço o que Ele quer; digo o que Lhe agrada, manifesto o Seu amor por eles.

Queria andar depressa que o tempo é breve

Mas acontece que nem sempre é fácil ser ouvido. É demorado fazer o que Ele quer. Sei que não tem horas. Mas estas, para mim, já contam muito. Queria andar depressa. O tempo é breve e não posso andar sobre as ondas. Queria ser entendido, mas não tenho o dom das línguas. Quero socorrer os Outros, mas não posso multiplicar os pães nem o dinheiro. Sinto-me pequeno, limitado por muitas carências. E, pior, não resisto a levantar a voz quando os rapazes me ouvem, ou quando o que persigo há tantos anos não alcanço.

Quase «dei o fora», quando após tantas idas ao «atelier» durante dois anos, a planta da Aldeia está por acabar. Vamos começar à revelia de planos arquitectónicos e ambientais. Mas não quero o risco de voltar atrás e alterar. Dói-me o coração e não os pés de tanto caminhar. Queria dizer: — Começámos a Aldeia. Na verdade estão levantadas as duas oficinas, mas não sei quando chegará o ferro para as estruturas do telhado. O meu ardor de começar é, porém, no sentido de dar Casa aos setenta que estão aqui e entregar esta aos pequeninos desnutridos da Massaca. Eles são quase trezentos.

Após a festa de Natal a nossa Casa aumentou. Vieram alguns a pé desde Maputo que fica a quarenta quilómetros. Quem poderia resistir, como tantas vezes já fiz? Agora temos um refeitório grande. Há mais espaço para camas. Vamos pelos setenta fora. Vão chegar mais dois. Mas eles são tantos à espera! A ansia deles centuplica-se em mim. Tudo que é preciso para eles fervilha em mim, num desejo incontrolado de fazer já. Mas o já, ainda não é. Só Deus pode desatar esta incongruência, desenrolar a esteira e dizer: «Agora».

Padre José Maria

Conferência de Paço de Sousa

A CRUZ DOS POBRES — O Inverno é sempre uma época mais difícil para os Pobres: — Não tenho dado a volta porque não aguento (leia-se aguento) este tempo...! É uma vendedeira ambulante com elevado grau de diabetes. Não falamos já dos(as) acamados(as) e outros que precisam de apoio, especialmente remédios, tão caros! Lemos em parangonas da Imprensa que os preços iriam baixar ligeiramente.

Os profissionais dos órgãos de comunicação social destacam, agora mais, casos gritantes. Como o daquele homem que «morreu de frio debaixo dum carro», pois não tinha onde se recolher!

Aqui, onde por graça de Deus os Pobres são servidos na medida do possível, as moradias do Património dos Pobres continuam a ser utilíssimas. Pela generosidade dos Leitores, pelo respeito que é devido aos Pobres (e a quem os acolheu: Pai Américo), vamos-lhes conservando, dando-lhes mais conforto e funcionalidade. Temos recado para visitar uma, já pronta, com dois anciãos. «Está uma categoria!» — exclama o tesoureiro da Conferência. Temos de reparar mais duas; uma delas onde viveu uma velhinha que Deus levou e nada lhe faltou até à hora derradeira.

Curiosamente, às vezes, recebemos, mesmo de terras distantes, gente implorando abrigo. No País que somos, uma das mais graves omissões é não haver tectos para os sem tecto, especialmente para os Indigentes. Agora somos abordados por um homem de longe, solitário, com o pé na terceira idade. Vive apavorado com a velhice...! «Ainda posso trabalhar alguma cousinha, graças do Senhor. Ganho pouquinho. Dá só p'ra dormir em pensão rasca porque não tenho família. Q'ha-de ser de mim q'ando não puder trabalhar?...»

Um diagnóstico social. Motivo da construção de barracas em locais inóspitos.

PARTILHA — Duas presenças da assinante 7186, de Aveiro. Acerto de contas da assinante 11748, de Paredes. Cheque do assinante 17844, de Oeiras — um devotado vicentino. Quatro mil, da assinante 17488, pela mão da n.º 31254, de Fiães (Feira), «para ajudar um necessitado». Parte dum cheque enviado pela assinante 8047, de Lisboa. O costume, da «Avó de Sintra». Contas em ordem n.º GALATO, e «o resto para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa» — acentua a assinante 22705. Cinquenta mil, da assinante 524, de Vila Nova de Gaia. Três mil, da assinante 9792, de Guimarães, «para socorrer uma viúva pobre com filhos». A partilha de Novembro/Dezembro, de «uma assinante de Paço de Arcos» — que nunca falha! Outro cheque, do assinante 42037, de Caravelos, com «um abraço de amizade». E mil, da assinante 26378, do Porto.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VISITAS — Têm vindo mais pessoas a nossa Casa. Por vezes oferecem-nos merenda e fazem alguns jogos connosco.

Pelas CASAS DO GAIATO

Uma chamada de atenção aos nossos visitantes: quando vierem a nossa Casa, não dêem dinheiro aos miúdos. Podem entregá-lo na sala dos cicerones. Há lá um responsável, no fim-de-semana. Em dias úteis, no escritório. Obrigado.

GADO — As vacas estão mais gordinhas. A mais bonita teve agora dois vitelos gémeos. Durante uma semana nasceram cinco!

VIAGEM A ÁFRICA — O nosso Padre Carlos está de visita à nossa comunidade de Moçambique. Depois, passará pelas Casas do Gaiato de Angola. Boa viagem!

«Ganhão»

LIMPEZA — As casas estão realmente a ficar mais arrumadas, com a ajuda do nosso Padre Júlio, o nosso respeito por elas e também o apoio dos chefes.

BAPTISMO — No domingo, 23/1/94, foi o baptizado de mais um neto da Obra da Rua, filho do Ludgero.

«Almeidinha»

DISTRACÇÃO — Às vezes, há momentos que não sabemos o que estamos a fazer; onde estamos e com quem andamos. Essas distrações têm acontecido geralmente com todos nós, e levam-nos a fazer certas coisas que nem sabemos como. Quando damos por ela, já é tarde e arrependemo-nos.

Isto vem a propósito de alguns rapazes que não sabem o que querem e como devem ser perante a Sociedade, o que gera uma certa instabilidade em alguns, e parece que andam perdidos deles mesmos...

A NATUREZA — Ela foi criada por Deus, para os homens.

A nossa Aldeia está enquadrada num belo ambiente que a Natureza oferece. A mata transmite o grande dom, que Deus nos deu, de podermos olhar e respirar o ar puro que respiramos dia-a-dia.

Ao longe, prados verdejantes e matas onde habitam pássaros e outros bichos.

Dentro da nossa Aldeia predomina o arvoredado, as sebes tratadas pelos rapazes da lenha e pelo Neca. Reflectem o empenhamento deles, mas é uma pena que alguns não respeitem o trabalho dos outros...

UM DIÁLOGO — Ia para o campo de futebol, quando deparei com o «Martelo» no tanque, em frente da tipografia. Fui lá ver o que estava a fazer.

— Ó «Martelo», o que fazes?
— Estou a olhar para esta rã.
— O que tem ela?
— Ficou presa no musgo e vou tirá-la...
— Depois, o que vais fazer?
— Ah!, estive ontem aqui e

encontrei-a. Por isso, não vou perdê-la de vista. Mesmo há bocadinho, tinha ido apanhar uma mosca para ela, mas não a comeu.

— Por que não?
— Olha, peguei nela e abri-lhe a boca. Não tinha dentes. Acho que ainda é nova. Mas afinal o que é que ela come?

Retorqui: — As rãs comem insectos que caem na água e algumas folhas de plantas aquáticas.

Tomou a insistir na pergunta: — Porque é que não comeu?
Respondi: — Talvez já tivesse comido e está cheia!
— Então foi por isso que não quis comer!

Por último disse-lhe: — Agora dá um nome ao bicho, visto gostares dele.
Assim fez: — Vai chamar-se «Catarina».

O «Martelo» tem 11 anos. Veio de Coimbra porque os pais não tinham condições. Com ele, também um irmão, o «Truta», e ambos já têm um ano de Casa. Está na 3.ª classe e, quando não está na Escola, ocupa o tempo na lavandaria. Ajuda as senhoras, na passagem e lavagem da roupa.

Foi um diálogo bonito com o «Martelo», pois mostrou o carinho que teve por uma rã. É de pequenas coisas que se aprende a amar e a estimar aquilo que Deus nos deu. A Natureza!

NEVE — Na manhã de 4 de Fevereiro estava muito frio. A malta seguia para o pequeno-almoço e, repentinamente, começam a cair uns flocos brancos. Era neve! Os que já estavam no refeitório, sentiram a alegria dos outros e correram para o largo da Capela.

Muita alegria, nos rapazes, pois há bastante tempo que não havia um nevão, nesta região.

FUTEBOL — No dia 6 de Fevereiro defrontámos a equipa de Cadeade, às 10 horas da manhã, no nosso campo. Foi um jogo que teve altos e baixos, no decorrer do tempo. Nos primeiros minutos estava tudo equilibrado. Parecia um clássico da terra. Ao intervalo vencíamos por 1-0. No segundo tempo as coisas foram mais complicadas, porque o jogo tomou-se muito feio. O adversário só via as canelas dos nossos atacantes. Entretanto, as coisas melhoraram e começaram a aparecer os golos... Resultado final: 5-0. Claro, a nosso favor.

Repórter X

TOJAL

OFERTAS — Temos recebido muitas: desde roupas a sapatos. É muito bom! Esperamos que continuem sempre a mandar. Agradecemos, à Danone, grandes ofertas para a nossa Casa. Muitos dos nossos rapazes não sabiam o que eram

yogurtes. Agora já sabem... até dizer chega! Muito obrigado.

CHUVA — Às vezes chove, depois faz frio, por vezes sol. Mas a chuva traz maiores problemas às senhoras da lavandaria, aos rapazes e, principalmente, ao nosso Padre Cristóvão. Se o tempo continuar assim, a roupa lavada não secará...

VISITAS — Sendo uma Casa muito bonita, temos recebido muitas visitas. Por isso, os chefes apelam à limpeza e higiene da comunidade, das residências às próprias ruas.

FUTEBOL — Realizámos um encontro de futebol de cinco, no fim de Janeiro, no pavilhão. A claque era muito forte, mas a nossa equipa estava mal, em todos os aspectos, e perdeu por 11-8. Uma noite para esquecer. Quem saiu mal visto do jogo foi a assistência. Passámos a noite a gritar...

ESCOLAS — Já com os primeiros testes feitos, surgiram algumas notas/boas e outras más. Mas não faz mal, visto que ainda há mais deles à nossa frente e, com certeza, correrão melhor. Notas gerais (no fim dos períodos): os estudantes tiram 4 e 5 a Moral, E. Física e a E. Visual. No resto das disciplinas, 3; e, por vezes, um 2. Por isso, temos que estudar mais para sermos algo na vida!

Joaquim Miguel F. Pinto

MIRANDA DO CORVO

VISITAS — Recebemos um grupo de pessoas de Semide, de visita à nossa Casa. Participaram na Missa e, no fim, tomaram o pequeno-almoço com a comunidade. Espero que mais pessoas se interessem em conhecer esta nossa bela Obra.

GADO — Os rapazes tratam do nosso gado. Os leitões estavam doentes e já recuperaram. As vacas dão bastante leite e as galinhas ovos. O pintainho que nasceu só durou alguns dias!

OBRAS — Prepararam a terra para calcetar a rua do pomar. O largo do gado está quase pronto e ficará com melhor aspecto.

OFICINAS — Os carpinteiros têm muito trabalho: portas, janelas, etc. Os serralheiros aprontam uma grade para o pátio da sala de jantar.

RETIRO — Os rapazes, nas férias do Natal, participaram em pequeno Retiro na serra da Arrábida. O Padre Tavares acompanhou-nos. Foi uma entrada mais profunda na vida cristã.

Frederico

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Hoje, a vida moderna torna-se dia-a-dia mais complexa. Contactos e diálogos são cada vez menos.

As facilidades de comunicação atingem proporções extraordinárias. E, no entanto, nunca se ergueram barreiras tão altas entre as pessoas e as famílias. As pessoas sentem-se isoladas, desenquadradas; só consigo mesmo. Na família cada um fecha-se nos seus problemas e afazeres, com as suas preocupações, alegrias e tristezas; no trabalho em sociedade, entre amigos, na luta pela ganância. Tolhem e falseiam os melhores desejos de comunicação e alegria fraterna.

As circunstâncias da vida moderna já obrigam as pessoas a reconhecer que, hoje, mais do que nunca, há mais solidão e depressão nas crianças, nos

idosos e em especial nos viúvos(as). Os familiares e amigos, muitas vezes, não têm tempo para eles. Sempre muito ocupados com esta vida e nervosos.

A viuvez é uma triste solidão. Como a senhora Rosa que visitamos há alguns anos e ficou viúva. Tem um filho, um enteado, vários sobrinhos e sobrinhas; e, no entanto, está sempre só no quatinho onde viveu com o marido. Está doente com uma pneumonia e várias complicações próprias da idade, pois conta já setenta e tal anos.

Vamos visitá-la sempre que podemos e nota-se nela solidão e tristeza. Tem-se acabado muito, desde que ficou só. Deus queira que melhore depressa para poder vir até cá fora e distrair-se um pouco. Lamenta-se e chora muito e só diz querer ir para onde está o velhinho dela, seu companheiro de tantos anos.

Deus nos ajude, a todos, a ultrapassar o problema da solidão!

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — De uma amiga, 1.000\$00. 5.000\$00 e algumas roupas para os mais carenciados. Assinante 8896, 2.000\$00. De Faro, 5.000\$00. Uma grande amiga com 7.000\$00. Dois mil, e «bem hajam pela força e coragem com que prestam ajuda a quem mais precisa». J. R. D., 2.000\$00. 1.000\$00 «para ajudarem os que mais precisam». M. M., uma antiga vicentina, hoje com 81 anos, manda 5.000\$00. Assinante 10701, 5.000\$00. Assinante 12922, 2.000\$00.

Muito obrigado a todos os que se lembram do seu semelhança.

Maria Germana e Augusto

PASSO A PASSO

Mesa dos «Batatinhas»

GOSTO de olhar para a mesa dos «Batatinhas». Vê-los reunidos, cada um a seu jeito.

A vontade de quase todos, era andarem a saltar de mesa em mesa, para serem cumulados de carinho que os mais velhos sempre estão dispostos a dar-lhes. Mas tudo tem horas próprias.

Assim, aprendem a conviver, o que se concretiza melhor entre «iguais», e a apreciar como é bom viver em harmonia, resultante não da realização exclusiva dos seus próprios desejos mas do encontro entre todos. E desta forma, posso deliciar-me a contemplá-los e a comungar com todos eles.

O «Joca» é o chefe. Sempre solícito em corrigi-los, a zelar pelo bem estar de cada um e do grupo. O sentido maternal talvez seja o que melhor o caracteriza, qual «galinha» a aconchegar debaixo das «asas» os seus «pintos». Quando os leva a algum lado, vão pela sua mão, dá-lhes segurança, o que muito eles precisam.

É bom ver assim um rapaz a dar-se aos outros, coisa já pouco frequente nos nossos dias. A interessar-se pelo crescimento dos «seus». É este empenhamento que eu muito queria ver nos rapazes, principalmente nos que são chefes, porque só assim a nossa Casa pode ser mais Casa do Gaiato.

Até aqui o chefe habitual era o «Girassol», ficando o «Joca» a ocupar o lugar quando ele ia para a venda do nosso Jornal. Com o primeiro, os problemas sucediam-se, desde o não acompanhamento no levantar em cada manhã ao desinteresse pelas presenças à mesa. Tantas vezes chamei a atenção, mas de que servia se não havia empenhamento pelo maior bem daqueles que lhe estavam confiados?

Precisamos de aprender com o «Joca», com a sua humildade e simplicidade. Cada um a seu modo a corresponder ao grau de exigência que a sua obrigação lhe põe, para que sejam edificantes os passos dados.

Padre Júlio

ECOS D'ÁFRICA

É Portugal inteiro que passa aqui e portugueses que lá de longe das terras para onde emigraram não esquecem a sua e aquelas outras africanas às quais estamos profundamente vinculados

A PARECEM, carinhosos e discretos, uns em depósitos directos e anónimos, outros em grupo, como os alunos da Escola n.º 15 de Lisboa, a quem a sua professora contou realidades tristes de guerra e de fome, que os motivaram a renúncias destinadas à Casa do Gaiato em Moçambique; ou aqueles de Eírol que têm o costume de cantar os Reis e «o dinheiro que nós arranjámos (65.500\$00) resolvemos enviá-lo para os meninos do Padre Manuel António, que não tinha rebuçados para lhes dar no Natal e ficámos muito tristes e oferecemos com muito amor»; ou os «Amigos da Lapa» a passar de meio cento de contos e «que Deus vos abençoe para que a Obra progrida cada vez mais»; ou uma Comunidade de Religiosas Missionárias com cheque e «gostávamos que fôsse para as Casas de Angola».

Presenças de irmãos no Sacerdócio

Presenças que muito nos dizem são as de irmãos nossos no Sacerdócio que, pessoalmente, ou estimulando aqueles que pastoreiam, têm contemplado a nossa missão em África, alguns com elevadas quantias e palavras de compreensão e de alento:

«Deus louvado! Tem sido muito bom saborear a Eucaristia Domínica com centenas de banhistas que não dão férias a Deus! Para que estes Encontros, do Dia do Senhor, vincassem mais o sentido da Comunhão, neste último domingo pedi que a Partilha da Eucaristia fosse para os sem férias, sem pão, sem abrigo, sem amor; e que esta partilha não fosse do que sobra, mas sim de uma renúncia:

um café, um bolo, um gelado, um lanche, mesmo um bom almoço. O resultado aí vai no cheque anexo.»

Mais:

«Já é habitual os meus paroquianos, no Advento e na Quaresma, fazerem algumas renúncias para repartirem com os mais pobres.

Este ano, propus-lhes ajudar o povo de Angola. Envio um cheque de 200.000\$00 que são fruto dessas renúncias de Silveiras e Boim e também algo meu. Pel'O GAIATO tenho acompanhado a acção da vossa Obra em Angola e temos muito gosto em dar-lhes o destino que melhor entenderem.»

Outra presença muito querida, a do nosso médico de antigamente numa das Casas do Gaiato de Angola:

«Para acudir à miséria a primeira tarefa é conhecê-la»

«Neste acto de solidariedade procuramos amenizar um pouco o 'tremendo panorama' que nos é vinculado nas páginas d'O GAIATO, que vimos recebendo regularmente.

Para acudir à miséria do mundo a primeira tarefa é conhecê-la em todos os seus ângulos (e a transmitir esse conhecimento O GAIATO é exímio); a segunda, é arranjar os meios financeiros, e outros, necessários ao seu combate; e, por último, 'mãos à obra', aplicar o conhecimento (ciência e consciência) e os meios. É esta a vossa tarefa, a mais nobre e abnegada, e, assim, às vossas mãos confiamos as nossas sobras.»

Outra, tão saborosa:

«Há anos que ando a juntar uns dólares para uma viagem à América. Como não sei se alguma vez a chegarei a fazer, aí vai uma parte a que fará o favor de dar o destino que entender na ajuda às Casas de África.

Que o Senhor os proteja e abençoe pelo bem que fazem aos Outros e a mim...»

Esta, em que «a ocasião faz... não o ladrão» mas leva à comunhão:

«Aqui vai esta gotinha para dividir pelas Casas do Gaiato de Angola, junto dum extra com que de momento não contava. Não me agradeçam por favor, não faço mais do que a minha obrigação.»

«Enviamos a importância, que um casal, por motivos de saúde, deixou de gastar em Fátima, para aumentar a sua cultura religiosa.»

E um Pedro, jovem com certeza, que nos manda o seu primeiro ordenado: 130 contos.

«Sensível aos apelos de Pai Américo»

E um Noé, homem com fome e sede de Justiça, como seria o da Arca que por isso foi eleito marco na História da Salvação:

«Recebi o 13.º mês e desejando ficar conformado com o 12.º, como habitualmente, eis a partilha: 50.000\$00 em cheque.

Nestes momentos mais do que em quaisquer outros, sou particularmente sensível aos apelos de Pai Américo, que, em meu entender, traduziam o seu maior anseio — levar cada um a salvar-se através do Mandamento do Amor, por renúncia a algo em favor de alguém.

O que faço é, sobretudo, na intenção de exprimir o reconhecimento da minha culpa no 'sistema marcado pelo pecado' em que todos temos responsabilidades a assumir, quanto mais não seja pela quota parte da culpa que resulta do responsável comportamento pessoal de conformismo, de indiferença, de cumplicidade, porque pelo menos boca para gritar — que não! que basta! — todos temos... e não o fazemos...»

Mais a assinante 26271, com um testemunho de espírito criativo que pode servir de sugestão a outros:

«Nas minhas férias entretive-me a fazer pequenos trabalhos que vendi. Junto envio o seu rendimento, que peço distribuam por África — Malanje — onde as necessidades são tantas!... Um abraço e... não escrevam. Eu leio sempre o jornal e vejo se chegou.»

Padre Carlos

NO nosso trabalho de educar vamos seguindo o caminho aberto por Pai Américo à riqueza que a natureza oferece. A criança, em contacto com a vida saudável das plantas, dos animais, do mar e do campo, vai descobrindo valores que, a pouco e pouco, a ajudam a desenvolver-se em equilíbrio e harmonia.

Há princípios universais, para todas as culturas e raças, que são verdadeiramente o Ovo de Colombo para a recuperação e crescimento normal das crianças da rua. Um deles é a ocupação nos trabalhos pequenos e maiores da vida da Casa. Tudo o que pode ser feito por elas sejam ajudadas a fazê-lo. De princípio custa. Os hábitos da rua pesam muito. As leis e as regras, aplicadas a tempo e horas, de acordo com a idade, ajudam a construir a pessoa livre e responsável.

Para um trabalho destes é preciso muito amor. Por isso o educador tem que estar disponível. A criança é absorvente. Quer dizer, consome a vida toda de quem está ao serviço dela.

BENGUELA

Notas ao jeito de reflexão

Não pode estar entregue a si mesma. Alguém há-de acompanhá-la sempre com discreção de tal modo que, sentindo-se acompanhada, vá ganhando segurança e confiança em si mesma.

Vou escrevendo estas notas ao jeito de reflexão para mim e para todos os que estão comprometidos em trabalho tão grande e de tamanha responsabilidade. Os educadores são os artistas desconhecidos. Sofrem muito e alegram-se muito também. Porque amam muito também.

Um ano depois

Dentro de poucos dias completa-se um ano de reabertura da Casa do

Gaiato. Foram 10 os primeiros. Hoje contei 75 lugares ocupados à mesa. A primeira preocupação é a sua educação. Como fazer um homem normal de cada um destes rapazes?! Não se sabe nem do pai nem da mãe da maior parte deles. O documento base da sua identidade está cheio de traços em vez de nomes. A dois passos daqui estão algumas dezenas deles à espera de entrar. Vejo-os a crescer sem rumo na vida. Por outro lado, em trabalhos como este não se pode andar depressa demais. Não se trata de arrumar gente como se se tratasse de um armazém. Deus nos livre de cair na tentação! Por isso, vamos devagar. Não é falta

de vontade de trabalhar. A educação faz-se lentamente.

Trabalho de equipa

Há uma grande esperança. O trabalho de equipa é caminho seguro nesta Obra. Por graça de Deus, a Casa do Gaiato, neste reinício da sua actividade, tem contado com ajudas humanas de muito valor. Verdadeiras jóias, à flor da terra, que não estavam aproveitadas em toda a sua riqueza. Apoiadas nelas ganhamos coragem e vamos dar mais um passo em frente: habitação de uma residência para 32 rapazes. Está pronta. Faltam as camas. Os colchões estão no contentor, no porto de Lobito. É questão de dias. Os chefes da nova comunidade nascem dos rapazes que já vivem connosco.

Como seria possível dar esta grande alegria se as vossas mãos não viessem em nossa ajuda? Do povo que consome a maior parte das

Continua na página 4

DOCTRINA



Toda a Obra construída sobre a Pedra Angular frutifica e perdura

NÃO sei se já sabias que de há uns meses a esta data, eu ocupo algumas horas da minha vida a ensinar o Pai Nosso aos internados do Refúgio da Tutoria, com o nome oficial e pomposo de Assistente Moral e Religioso da Tutoria Central de Coimbra; o qual nome oficial e pomposo me senta à mesa deliciosa e apetecida onde tanta gentinha come e digere. O Refúgio de Coimbra é ponto de passagem para os Reformatórios e Colónias do Estado; e os refugiados, sendo em grande parte meus conhecidos da rua, levam para aqueles estabelecimentos a notícia da presença do Padre Américo no meio deles, sucedendo por isso que, uma vez saídos das Casas por limite de idade, alguns rapazes vêm ter comigo a pedir trabalho e pão!

HABITUADO, como ando, a tocar a miséria humana em todas as suas formas, confesso que nada me desconcerta tanto como a sorte destes mancebos, na flor da idade, recolhidos e amparados durante largos anos pela Lei e agora lançados à rua por força da mesma Lei! E mais me dói a sorte deles quando os topo nas Cadeias, entre criminosos de profissão, a estenderem-me os braços num desesperado «tire-me daqui para fora, que me faço um criminoso».

URGIA pois que, naquele mesmo lugar onde eu recebo as miseráveis notas do Banco, alguma coisa útil se fizesse para lhes tirar a peçonha; e pensei no Lar do Ex-Pupilo das Tutorias e dos Reformatórios da nossa Pátria muito amada. O Lar vai ser a Casa do Ex-Pupilo que vem bater à nossa porta, sem família nem abrigo nem meios de vida; oportunidade em que cada um pode fazer valer as qualidades nobres de alma, revelar suas capacidades, ser um homem de Portugal. Quantos se não perdem na vida por falta de uma oportunidade assim! É a Obra dos rapazes, para o bem deles, conservada e governada por eles. O Maioral é de eleição da Comunidade, sendo elegíveis todos os habitantes do Lar; e a ele devem obediência, como a um irmão mais velho, sem constrangimento nem temor. O Assistente Moral observa. Denuncia a taberna, o lupanar, a companhia, as noitadas — ampara, orienta e nada mais.

VAMOS abrir a Casa no dia primeiro de Janeiro. Casa nova, sobriedade e conforto, vistas ao longe sobre a serra da Lousã. Alguns dos seus habitantes já esperam a nossa hora. Não há convites, não há Imprensa, não há copo d'água. Eu mai-los rapazes faremos, nesse dia, a entronização do Coração de Jesus. Havemos de nos consagrar a Ele e está tudo dito. Só me falta uma governanta que tenha dedo e que seja a mãe dos rapazes. O amor ensina, dirige, convence, dá brio aos rapazes e fá-los entrar em grandes resoluções. Eles acreditam e sacrificam-se por amor de quem os ama — eles, os das Tutorias, que nunca foram amados! A mãe do Lar há-de aparecer a seu tempo. Grande coisa é servir, maior é dar-se. A governanta que vier, para ser grande, não pode ficar no servir; há-de dar-se. Aceita o convite assim e não tenhas medo que encontres infinitamente mais do que aquilo que dás.

EU também vou viver mais eles, fazer semblante de rapaz novo, interessar-me por suas conversas, ouvir seus pleitos, entrar em seus jogos — dar-me. A hora em que hoje tiro da cabeça um piolho ocasional apanhado à beira dos catres, é para mim muitíssimo mais alegre do que foi a vida da minha mocidade inteira, passada nas delícias do paraíso terreal. Faço esta revelação, não para que me vejas, mas sim para ser visto — e para destruir os teus receios e dar-te a certeza.

P. Américo!

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

A nossa lareira acesa

A PROXIMA-SE a noite. Na sala de jogos, a nossa lareira acesa em Miranda do Corvo torna mais familiar este fim de dia. Ao Terço, já se encontra incandescente nos grandes troncos trazidos dos nossos olivais limpos. Mal entram, os «gémeos» são os primeiros a chegar-se a ela, o mais possível. Estendem as mãos para lá, como quem acaricia um rosto querido — quem sabe? — buscando uma carícia na mesma medida.

Assim pensava ao recordar-me da terra donde vieram. Lá, não há lareiras assim; e as casas, pequeninas e empilhadas, umas por cima das outras, mais parecem frigoríficos. São as grandes cidades e os seus problemas.

Depois do Terço, o jantar. Fim do este, um voltar de novo à sala quentinha. Vou também, seduzido por esta comunhão de vida íntima com eles. Delicieux-me com o serão familiar. Nada de especial. Às vezes nem a programação das «Tevês» ajuda. É um estar em família. Há silêncio e, de quando em quando, um pender de sono nos mais pequeninos.

Enquanto isso, e a hora de deitar não chega, fico meditando na vida deles. Recordo histórias que os tornaram nossos. Muitos não tinham lareira e andavam por lá sózinhos. Vejo em cada

um deles a missão da Casa do Gaiato a cumprir-se: «Fazer de cada rapaz um homem». A recuperação da sua dignidade. Tarefa difícil mas cheia de beleza, não obstante as nossas dificuldades: eles são tantos e tão pequeninos! E há sempre quem nos peça mais um lugar...

Alguns ainda se chegam... E os que permanecem distantes, sem que um olhar ou sorriso consiga que o sol nasça na outra margem?!...

Só mão de mãe; coração de mãe! A ponte para lá chegar, mal despente a madrugada. A fogueira, por si só, na sala quentinha, não chega ainda que os troncos sejam de lenha pura.

Penso neles e naqueles que Deus chama. É impossível que não haja quem se inquiete e queira vir mergulhar. Anos novos e corações experimentados. Mãos que se estendam do amassar do pão até à operação de repartir na boca, na roupa, na limpeza; braços que se abram ao Infinito para poder agarrá-los e estreitá-los ao coração. Assim... gratuitamente, tal como está no Evangelho.

Nesta fogueira, nesta lareira quentinha, esconde-se tanto do que eles precisam! E neste aquecer de mãos, só Deus sabe o que eles Lhe pedem. Às vezes, eu também percebo e sofro.

Padre João

Viúvo novo

Todas as acções humanas, feitas com amor e esperança, têm o seu bom mérito. O Matrimónio realizado com a bênção de Deus dá sempre bons frutos, embora possam ter sabor amargo.

Recordo aquela senhora, muito nova, que grave doença lhe provocou a morte. Deixou o marido, de trinta anos, e três filhinhos. Uma menina de quatro anos, outra de dois e um menino com meses. À volta, muitos vaticinaram o futuro destas crianças: — *Vão ficar uns desgraçadinhos.*

Este pai, pequeno industrial, homem profundamente crente, aceitou com resignação a vontade de Deus. Com fé, esperança e amor, chamou a mãe viúva para sua casa e confiou-lhe as duas meninas. Pôs o menino no seu quarto. Os filhos foram crescendo sempre acompanhados pelos seus cuidados. Os três estudaram e formaram-se. Constituíram família. Hoje têm descendência que procuram educar bem.

O pai teve sempre a preocupação de ajudar os filhos

A FAMÍLIA

a terem um instrumento de trabalho.

Estas famílias juntam-se em família, ao almoço de domingo em casa do pai e em muitas outras ocasiões. Ele procura comer as refeições diárias no lar de cada filho, os quais conservam a boa educação de pedir a sua bênção, beijando-lhe a mão e só a seguir a face. *Uma família exemplar* — assim é tida na região.

Homem muito metódico, sempre consegue tempo para cumprir os seus deveres como pai, gerente de empresas, autarca, elemento responsável na Igreja, dedicado à vida dos Pobres, orientador de instituições de Caridade.

A vontade de Deus, acolhida em corações generosos, dá sempre bons frutos.

Viúvo idoso

Conheci este casal sempre muito unido e amoroso. Ele, médico distinto na cidade. Ela olhando pelo bem da casa, pela boa educação dos filhos e netos, pelos Pobres e pela Conferência Vicentina. Casal muito generoso.

Veio doença grave para ela. Teve de recorrer a Inglaterra. O marido acompanhou sempre a esposa. Recordo a visita que lhe fiz uns dias antes de partir deste mundo. Resignada com a vontade de Deus.

Ele, agora viúvo, aceitou o conselho dos filhos. Mudou para junto deles. Perdeu parte da vista e do ouvido. Resignou-se a só poder sair de casa acompanhado por alguém. Deixou de conduzir. Aceita todo o carinho dos filhos e dos netos. Vai sempre às festas dos familiares. Diz bem da honestidade da empregada que o serve. Todos estimam muito o pai e o avô.

Bons frutos colhidos pelo Matrimónio que Deus abençoou.

Padre Horácio

FAX de MAPUTO

Continuação da página 1

do que ser argumento da Sua presença e da Sua solicitude de Pai. Hoje a Igreja celebra S. João de Brito. Passam exactamente trezentos e um anos sobre o martírio deste irmão nosso que, depois da oportunidade que teve de saborear o mundo, «saboreou como o Senhor é bom» e não teve mais hesitação sobre a opção fundamental da sua vida: tal como Cristo, «se aniquilou tomando a forma de servo» e aprendeu d'Ele a «fazer-se tudo para todos». Uma ilustração sugestiva a iluminar e tonificar a nossa fraqueza.

As breves horas que aqui passei são densas de emoção e mais não deram que para confirmar o que sabia desta nossa Comunidade que *já anda e fala*.

Hoje demos uma volta por Maputo a reunir elementos que, amanhã, iremos começar a alinhar em ordem ao projecto da Aldeia que será a futura Casa do Gaiato, a cerca de quatro quilómetros de Massaca 1, onde se continua trabalhando para deixar a esta população de deslocados estruturas que possam ajudá-los na sua sobrevivência e crescimento.

Na cidade encontramos *fax* do Júlio a reclamar a urgência desta notícia para O GAIATO de 19 de Fevereiro. Ela aí vai, à pressa, em cima do joelho. Estes dias decerto nos darão matéria e nos ajudarão a reflecti-la.

Padre Carlos

BENGUELA

Continuação da página 1

nossas economias recebemos o que nos pode dar: a oportunidade de o servirmos. De um outro empresário, algum apoio esporádico. Não há dúvida de que a grande preocupação dos que têm muito é pôr e sobrepor. Já nos sentimos felizes quando nos abrem as portas para podermos comprar.

Do nosso trabalho e do carinho com que nos acompanhamos vamos tirando o necessário para termos vida e ajudar os outros a viver.

A grande diferença...

Quantas vezes dou comigo a pensar na grande diferença dos primeiros dias em que a multidão de famintos nos batia à porta vergados ao peso da miséria! E, agora, de cabeça erguida — graças ao trabalho que fazemos diariamente, aos filhos que frequentam a nossa escola, à comida que recebem, à cura da doença no posto sanitário que funciona em nossas instalações.

Este é o nosso grande projecto que raramente cabe nos grandes projectos das organizações internacionais.

Um episódio pequenino: há dias um dos nossos rapazes chegou tarde ao refeitório. Desculpou-se dizendo que esteve a fazer a cama com palha de milho para uma das porcas que teve catorze filhos. Na Casa do Gaiato eles têm espaço para estas coisas lindas!

Padre Manuel António

OS psicólogos costumam querer explicar tudo. Talvez um dia me dê a uma sessão, nas mãos de um psicólogo, a ver se consigo coleccionar, venerar ou mesmo possuir imagens religiosas. Até cartões ou fotografias me deixam distante. Houve, entretanto, dois Cristos que saíram dessa montanha de indiferença e tiveram honras de se passear por cima da minha secretária, misturados com tudo o que aí se acumula. Vou contar as histórias.

Decorria talvez o ano de 1975. Lembrei-me de vasculhar nuns armários velhos onde se foram metendo, ao longo dos anos, coisas que não prestavam mas também não se teve a coragem de atirar fora, de vez. No meio daquele amontoado estava um Cristo todo partido e inutilizado. Tomei-O nas minhas mãos e fiquei algum tempo a contemplá-lo. Decidi tirar-lhe o pó, colocar o que era possível e passou a figurar em cima da minha mesa de trabalho. Não lhe dei um lugar especial. Andava por ali numa tentativa de não ficar submerso em todas as coisas que iam passando. Insistia em estar presente. Gostava dele assim. Estava misturado com a minha vida.

ENCONTROS em Lisboa

Páginas da minha vida

Com efeito, nessa fase, vivia várias preocupações: o Cristo que me «ardia no peito e enchia o meu coração» parecia arrumado pela história a um canto, como coisa inútil, sendo também verdade que os próprios cristãos escondiam esse Cristo misturado com tantas coisas que Ele tinha dificuldade em aparecer. Como dá-lo a conhecer? Havia também a dicotomia: vida religiosa para um lado, vida de trabalho, casa, negócios, para o outro. Como criar a unidade de vida animada por Cristo? Vislumbrava como caminho de saída o caminho dos Pobres e da gente sofredora como escola onde se aprende a solidarie-

dade, a partilha, a humanidade. Aquele Cristo ali, debaixo dos meus olhos, maltratado e quase irreconhecível foi sustentando o meu caminhar. Virei páginas da minha vida e acabei por perder esse Cristo.

Há tempos um grupo de miúdos veio-me trazer um Cristo achado no campo. Braços abertos e pernas estendidas, mas sem mãos e sem pés. Acarinhava-O nas minhas mãos. Tive um susto: Que pode fazer um Cristo sem pés e sem mãos? Levei-O para a minha mesa. Ali anda de um lado para o outro. De vez em quando emerge à superfície, cruzamos o olhar e nesse olhar nos vamos confidenciando muitas coisas: «As minhas mãos e os meus pés és Tu». Que alegria!

Começou o tempo da Quaresma. Purificai-vos! Grita-nos a Palavra de Deus e lembra-nos a Igreja. Deixo aqui o testemunho dos meus Cristos. Outros caminhos haverá. Não podemos é ficar pasmados sem nada mudar na nossa vida e sem mergulhar no Mistério de Cristo se queremos viver a alegria da Ressurreição. Boa Quaresma e feliz caminhada!

Padre Manuel Cristóvão

O GAIATO celebra cinquenta anos na próxima edição

A presente tiragem sairá do prelo um nadiuha mais cedo para que a de 5 de Março, comemorativa dos 50 anos d'O GAIATO — as suas *Bodas d'Ouro!* — com oito páginas, e melhor roupagem, seja expedida na devida altura.

Já pedimos colaboração (dactilografada) a toda a nossa gente. Contamos receber o resto do material no decorrer da impressão deste número.

Vale a pena — «quando a alma não é pequena» — revelar alguma *colheita* da Sementeira que Pai Américo operou em todos nós, em todo o mundo.

É uma data única na vida do nosso Jornal...!

Não faremos outra comemoração especial. Nesse dia, *só à roda do Altar... Aí, sim!* Na Capela que foi *motor da revolução pacífica* que Pai Américo — enamorado de Cristo

— motivou como Profeta, pelos seus carismas, no País que somos (e não só), baseado no Mandamento

do Amor. Boa parte através do *Famoso* — pela sua pena inconfundível.

Júlio Mendes



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cor. 500788998 — Reg. D. G. C. S. 100396 — Depósito Legal 1239